

## O TURISMO RURAL E O PENSAMENTO SISTÊMICO: A ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA ESTRADA BONITA / SC<sup>1</sup>

*Ivar José Kreutz. MSc<sup>2</sup>*

*Élen Cristin Trentini. MSc<sup>3</sup>*

**Resumo:** O artigo procura aplicar conhecimentos da teoria de sistemas na análise de uma experiência em turismo rural no povoado da Estrada Bonita, que pertence à comunidade de Rio Bonito, distrito de Pirabeiraba, no município de Joinville. No estudo se estabeleceu como objetivos o exercício de percepção de um sistema rural, a descrição de sua ontogenia, a interpretação das relações capazes de promover mudanças e a identificação das possibilidades e limitações de sustentação do sistema em questão. Para isso se recorreu a dados secundários, uma visita ao local para aplicar metodologias que buscavam interação com as pessoas, e ao cruzamento das informações obtidas e a respectiva vinculação com o pensamento sistêmico. No sistema denominado “Estrada Bonita”, o turismo é apontado como uma alternativa à preservação ambiental e cultural, para a produção de alimentos diferenciados e valorização do agricultor e seu trabalho na dimensão da multifuncionalidade das propriedades, sem deixar de reconhecer estrangulamentos no processo como a falta da participação e autonomia dos atores sociais locais e a interferência de agentes externos.

**Palavras chave:** turismo rural; visão sistêmica; meio ambiente; sistema social.

### Introdução

Dentre as principais dificuldades em aplicar na prática a teoria de sistemas pode-se destacar, além da delimitação deste, o estudo integrado de todas as relações que o caracterizam. Assim, quanto ao sistema Estrada Bonita pode-se perceber que não foi possível analisar todas as relações envolvidas nessa delimitação. Sabendo destas dificuldades, priorizou-se aqui a análise a respeito do turismo e suas interferências a este sistema social.

---

<sup>1</sup>O artigo a ser apresentado no Grupo de Trabalho 3 sobre Turismo e Meio Ambiente, surgiu de um estudo desenvolvido na disciplina de Teoria de Sistemas do curso de Mestrado em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> MSc em Agroecossistemas pela UFSC e Eng. Agr. da EMATER/RS – ASCAR, com lotação no município de São José do Hortêncio, Av. Mathias Steffens, 3322, sala 05 e e-mail emsjhort@emater.tche.br

<sup>3</sup> MSc em Agroecossistemas pela UFSC e Geógrafa pela UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. Rua Luis Oscar de Carvalho 100/208 – Bairro Trindade – Florianópolis, SC. E-mail etrentini@yahoo.com.br.

A localidade se encontra imersa em um espaço que evidencia características da natureza, estabelecendo relações muito fortes com seus moradores. Assim, todas as atividades que foram desenvolvidas até hoje e aquelas que ainda vão ser desencadeadas, certamente terão interface com um meio mais preservado ou degradado, dependendo do tipo de práticas e ações empreendidas sobre o mesmo. Por isso, conhecê-lo melhor parece ser uma necessidade para todo aquele que pretende estudar os espaços rurais como lócus de turismo, representado pela Estrada Bonita no presente trabalho.

Este trabalho procura ser um estímulo para um exercício de percepção e compreensão da realidade, onde emergem as relações e se amplia o foco da observação. Conseqüentemente aproxima-se da compreensão da realidade que nos cerca, que evidentemente não incorpora uma verdade absoluta e sim, revela toda a diversidade. A abordagem inicia com um breve mergulho no pensamento sistêmico, seguido pela análise do sistema Estrada Bonita, sua caracterização e o turismo como componente deste espaço e finaliza com algumas considerações que se evidenciaram durante o estudo.

## **1. Sistemas, Teoria de Sistemas e Pensamento Sistêmico.**

As sociedades modernas, por muito tempo, utilizaram a ciência como forma principal para encontrar a verdade. Assim, a ciência validava os conhecimentos e as explicações. A partir destes pressupostos de ciência, a verdade apenas poderia ser adquirida ou surgiria da necessária separação do subjetivo (daquilo que vinha do sujeito, estudo que ficava ao encargo da filosofia), devendo concentrar-se na análise das propriedades intrínsecas dos objetos. No século XVI, foram os pensamentos de Descartes que deram respaldo para tais pressupostos. Para ele, a noção de mundo era concebida como uma máquina e que, para entendê-la dever-se-ia separar em partes, estudando-as minimamente. Então, a natureza funcionava de acordo com leis mecânicas. A partir deste entendimento, o homem não se vê como integrante da natureza, mas apenas vivendo na mesma, utilizando-a para atender suas necessidades. Tais condutas caracterizariam, principalmente, a cultura ocidental, ou seja, percebe-se o meio através de uma forma utilitarista.

Durante o século XX, dentro da própria ciência, surgem mudanças de paradigmas, onde os cientistas percebem que os pressupostos da ciência tradicional não dão conta de resolver os problemas da realidade somente a partir de procedimentos analíticos, surgindo a Crise da Ciência (PINHEIRO, 2000). O pensamento analítico, que consiste em quebrar fenômenos complexos em pedaços a fim de compreender o comportamento do todo a partir da propriedade das suas partes, não é mais suficiente para explicar a realidade; em outras palavras, o esquema mecanicista mostra-se insuficiente para atender aos problemas teóricos, especialmente nas ciências bio-sociais, e aos problemas práticos propostos pela moderna tecnologia (BERTALANFFY, 1975; CAPRA, 1996). Cientistas de vários departamentos do saber começam a perceber que na medida que fragmentam o

fenômeno em partes, algo é perdido. Passam a entender que a maioria das propriedades não faz parte dos objetos em si, mas aparecem ou surgem da inter-relação de todas as partes que compreendem o fenômeno estudado.

Da mesma maneira, um estudo para se compreender a Estrada Bonita também não poderia ser resumido apenas em informações coletadas a partir de uma ou outra entrevista, buscando, por exemplo, respostas a partir de apenas um aspecto como o econômico. Faz-se necessário buscar informações da história das pessoas e das relações sociais entre os integrantes desta comunidade, bem como das instituições envolvidas. Todas as informações adquiridas devem ser integradas ao campo social, ambiental, econômico, cultural e espacial. E assim, perceber que muitas qualidades que possam caracterizar a Estrada Bonita aparecem das relações entre os componentes desta comunidade com outros seres e com o meio. Em suma, os estudiosos em geral não só começam a perceber dificuldades em seus campos de estudo, como extravasam esta preocupação para o imperativo de estabelecer a comunicação entre cada disciplina, uma vez que, estas se tornaram mais especializadas.

Surgem, então, várias construções teóricas que permitem compreender organizações vivas e não-vivas como sistemas<sup>1</sup>. A pioneira é a chamada Teoria Geral dos Sistemas de autoria de Ludwig Bertalanffy, qual distinguiu-se da Teoria Cibernética do matemático Norbert Wiener. O que se pode afirmar é que a primeira revolucionou a ciência, na medida que colocou em evidência aspectos que não eram anteriormente vistos nem percebidos, ou eram mesmo suprimidos na “ciência tradicional”, propondo novos esquemas ou “paradigmas” conceituais.

A Teoria Geral de Sistemas ganhou uma maior notoriedade com a criação da Sociedade de Pesquisa Geral dos Sistemas, em 1954, em que se procurou impulsionar o desenvolvimento de sistemas teóricos aplicáveis a mais de um dos tradicionais departamentos do conhecimento. Esta entidade apresentou como principais funções: investigar a semelhança quanto à forma dos conceitos, leis e modelos utilizados em vários campos, de modo a promover a transferência desses saberes de um campo para outro; encorajar a formulação de modelos teóricos, onde ainda não existiam; e, mediante a melhoria da comunicação entre os especialistas, possibilitar a redução de duplicações de teorias em diferentes campos.

A Teoria Cibernética surgiu não com uma preocupação de descrição da natureza inanimada, mas sim como uma proposta de construção de sistemas que reproduzissem os mecanismos de funcionamento dos sistemas vivos, ou seja, com a proposta de construção dos chamados autômatos simuladores de vida. Entretanto, a primeira teoria sistêmica que se destacou na

---

<sup>1</sup> Embora tenhamos uma certa reticência em definir o que seja um sistema, esta dificuldade não deve servir como impedimento para que, pelo menos, uma noção do que sejam sistemas possa permear este trabalho. Com este propósito, será utilizada aqui a definição dada por PINHEIRO (2000) na qual um sistema pode ser considerado “como um conjunto de componentes inter-relacionados e organizados dentro de uma estrutura autônoma, operando de acordo com objetivos determinados”.

Física foi a Termodinâmica, que se restringiu apenas a explicar alguns fenômenos de natureza física (BERTALANFFY, 1975; VASCONCELLOS, 2002).

A partir deste redirecionamento da ciência, passou-se a convencionar então, que o estudo das partes (associado à ciência tradicional, com pressupostos nos procedimentos analíticos), denominou-se mecanicista, reducionista ou atômico, enquanto que o estudo que dava ênfase ao todo, ou nas relações mais que nos objetos concretos, foi denominado de holístico, organísmico ou ecológico (CAPRA, 1996).

A perspectiva holística, ou esta nova maneira de perceber o mundo, segundo CAPRA (1996), também foi conhecida como “sistêmica”; conseqüentemente, a maneira de pensar através deste enfoque considerou-se chamar de “pensamento sistêmico”. Assim, um sistema passou a significar “um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes” e, o pensamento sistêmico, “a compreensão de um fenômeno dentro do contexto de um todo maior”. Então, para se entender as coisas por este viés, precisa-se colocá-las dentro de um contexto, estabelecendo a natureza de suas relações.

Existem alguns critérios para a percepção dos sistemas entre eles a compreensão das propriedades de um sistema, já que para percebê-lo como um todo integrado é necessário entender as propriedades como resultantes das “relações de organização” das partes. Assim sendo, as propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado em elementos isolados. Além disso, há existência de diferentes níveis sistêmicos. Em cada nível, os fenômenos observados exibem propriedades que não existem em níveis inferiores e, a existência destes diferentes níveis representa níveis de diferente complexidade.

## **2. O Sistema Estrada Bonita**

A compreensão da Estrada Bonita, enquanto um sistema, pode ser interpretado como um sistema social. Para se verificar a propriedade desta categorização, recorrer-se-á à noção de sistema social preconizada por Maturana (1998): “*Cada vez que os membros de um conjunto de seres vivos constituem com sua conduta uma rede de interações no qual eles se realizam como seres vivos e no qual eles, portanto, conservam sua organização e adaptações têm-se um sistema social*”. Assim, cada sistema social particular se distingue pelas características da rede de interações que realizam. No entanto, o autor delimita um pressuposto básico de interação para ser considerado no contexto de um sistema social: as interações orientadas à conservação da vida de seus membros.

Para BERTALANFFY (1975) “*um sistema ou complexidade organizada pode ser definido pela existência de fortes interações ou de interações não triviais, isto é, não lineares*”. Portanto, pode-se concluir que o conceito de sistema social de Maturana (1998) não implica necessariamente em pressupostos de cooperação à interação social, mas, sobretudo, a conservação

da vida, o que em certo sentido, coloca a cooperação como uma questão de grau. Assim, conforme o autor, o que se necessita é que “as interações sejam não destrutivas”.

Nesta perspectiva o entendimento da Estrada Bonita como um sistema social, implica em percebê-la como um sistema determinado por sua estrutura, onde a estrutura compreende os componentes e as relações sociais da comunidade. Neste sentido, o conhecimento da estrutura deste sistema remete ao conhecimento da história das interações de seus componentes, bem como da natureza de suas relações sociais. As interações e as propriedades emergentes que caracterizam este sistema social tem na cultura a base de seus códigos e regras de conduta, pois é através dela que se carrega um complexo sistema de símbolos com diferentes significados para diferentes sistemas sociais.

A Estrada Bonita se apresenta como um sistema social rural, onde aspectos culturais se encontram intimamente relacionados como os aspectos do meio, possibilitando a formação de um sistema particular. Portanto, o meio rural incide sobre a vida cultural destas pessoas fazendo com que as mesmas se adaptem sua maneira de viver. Produzem uma forma de vida diferenciada da sua origem, o que se manifestou muito forte no local envolvendo os imigrantes europeus.

Este conhecimento permite compreender a Estrada Bonita enquanto um sistema particular e assim, abrir possibilidade de qualificar uma intervenção, na medida que se pode sugerir, com maior pertinência, possibilidades de mudanças estruturais para que o próprio sistema selecione e incorpore ao permanente processo de adaptação às dificuldades que sobrevêm no esforço de manutenção de sua organização.

## **2.1 Caracterização do sistema.**

O conhecimento do local aconteceu gradativamente utilizando-se, para tanto, em primeiro lugar o recurso da coleta de dados secundários. No segundo momento se visitou, por dois dias, o espaço em questão, momento em que se utilizou de algumas metodologias que permitiam alguma interação com a comunidade como as entrevistas semi-estruturadas, a linha do tempo, o mapa, o diagrama de Venn e o gráfico de identificação dos pontos fortes e fracos. O terceiro momento é marcado pelo cruzamento dos achados durante a visita e os aspectos teóricos que norteiam o tema.

Portanto, a Estrada Bonita situa-se na localidade de Rio Bonito (é apenas uma parte da localidade), no Distrito de Pirabeiraba, região norte do município de Joinville. Possui uma estrada principal, que se encontra diretamente conectado a BR 101, foi recentemente asfaltada. Faz divisa com o município de Garuva ao norte e leste, a oeste com a localidade do Quiriri e ao sul com o centro de Pirabeiraba. A partir de dados da Prefeitura Municipal de Joinville (1998), dos 87.511 ha de área rural de Joinville, Rio Bonito ocupa 11.806 ha, distribuídos principalmente em áreas de matas e pastagens. As áreas de lavouras ocupam somente 310 ha. Vivem na localidade do Rio

Bonito, aproximadamente 4.890 habitantes, enquanto que na Estrada Bonita moram aproximadamente 30 famílias.

É uma região cercada pela Serra do Mar e Serra Geral. Assim, o relevo é um fator determinante na caracterização da região que também possui planícies litorâneas e encostas que formam vales profundos e estreitos. Devido ao relevo acidentado e as altitudes, o clima é influenciado pelas chuvas orográficas comuns na região. A temperatura média anual é de 20° C, sendo a média das mínimas 16° C e a média das máximas 26° C. É rara a ocorrência de geadas. É caracterizado por precipitações abundantes e regularmente distribuído durante o ano, havendo um período mais intenso no verão. A cobertura original era a Floresta Ombrófila Densa, constituída na sua maior parte, por árvores perenifoliadas de 20 – 30m de altura, com os brotos foliares sem proteção à seca. Atualmente grande parte da Floresta Ombrófila Densa encontra-se intensamente explorada pela retirada de madeira de lei ou completamente devastada para ceder lugar à agricultura ou às pastagens naturalizadas.

Em relação ao tipo de ocupação e população que se estabeleceu e modificou aquele espaço, segundo a Prefeitura Municipal de Joinville (1998), a colonização da região da Estrada Bonita iniciou junto com a ocupação da Colônia Dona Francisca pelos imigrantes alemães, primeiro núcleo e que deu origem a cidade de Joinville. Desde o início da imigração já haviam moradores se dirigindo para o norte do município. Esta localidade despertava a atenção por suas terras férteis e abundantes recursos hídricos. As três primeiras famílias que ocuparam a hoje denominada Estrada Bonita chegaram no ano de 1897, abrindo trilhas pelo mato para chegar ao local.

Com relação às atividades econômicas exercidas por aquela população sabe-se que a caça e o uso dos frutos para a alimentação foram os primeiros recursos utilizados, depois a madeira para construção de casas e na seqüência estes produtos extrativos passam a ser comercializados (a madeira e o palmito), gerando um retorno econômico rápido, mas que também trouxe um acelerado processo de esgotamento dos recursos naturais que passaram a ser explorados.

Percebe-se que os colonizadores não conheciam a maneira de reprodução das espécies vegetais nativas exploradas, tampouco sua dispersão e exigências para crescimento. Assim, exauriram tais recursos até quase extingüi-los. A perda da fertilidade do solo pode ser entendida como uma consequência da pouca compreensão que os europeus aqui radicados tinham do ecossistema tropical.

Sob uma ótica teoricamente embasada em MATURANA (1997), podemos interpretar que o determinismo estrutural do sistema ecológico da região colonizada resultou num esgotamento frente ao novo componente: o ser humano europeu. Assim um acoplamento estrutural acontece com habitantes com origem em regiões características de recursos esgotados e pouca compreensão da capacidade produtiva do solo.

Neste contexto, o turismo rural surge como uma alternativa que procura não extrair os já escassos recursos naturais. Aparecem então duas questões: o turismo, para ser de fato integrado à localidade, poderia depender só da beleza cênica da paisagem? Ou poderia ser um complemento as atividades agrícolas locais, ou seja, um agricultor mostrando como ele usa sua terra e oferecendo aos visitantes o que ele e sua comunidade produz? Este debate se procura aprofundar a seguir.

## **2.2 O turismo como componente do sistema Estrada Bonita**

Com o estabelecimento da agricultura na região acontece uma sucessão de ciclos de diferentes atividades que tem auge e, em seguida, se esgotam, seja pelo processo econômico da cultura ou pelo esgotamento do solo. Com isso o agricultor vive momentos em que para se manter precisa buscar atividades não agrícolas, através daquilo que vem se denominando de pluriatividade. Nesta classificação podemos enquadrar tanto o turismo rural como o assalariamento de membros da família em áreas urbanas. A primeira impressão é que este processo está levando a um abandono da agricultura como atividade produtiva, mas na verdade ela é considerada por muitos pesquisadores como uma evidência da flexibilidade e da grande capacidade adaptativa da pluriatividade aos diferentes contextos econômicos e históricos (CARNEIRO, 1988).

Em muitas áreas agrícolas, quando este processo de adaptação não acontece, ocorre o abandono das áreas rurais. Em um lugar como a estrada Bonita, próximo a centros urbanos e inapta a mecanização, o mais comum seria a transformação do espaço rural em sítios e áreas de lazer dos moradores urbanos, como já vinha acontecendo em pequena escala antes da implantação do turismo rural.

É digno de registro e como não poderia deixar de ser em um sistema complexo, que nem todas as famílias se inseriram na atividade do turismo rural por motivos como a ausência dos filhos na propriedade, pela idade que não permite tocar os negócios sozinhos ou mesmo em não se sentirem aptos para desenvolver a atividade. O grande problema gerado pelo turismo rural parece não ser a diminuição da importância da agricultura e sim, a falta de integração das duas atividades e principalmente a alteração das relações sociais locais.

A maior parte dos produtos usados no preparo de refeições e doces, como leite, farinhas, açúcar, e muitos outros que são utilizadas nas refeições servidas nos restaurantes, são comprados fora da comunidade nos supermercados da região. Enquanto isso existem na comunidade alguns agricultores que produzem estes produtos, não havendo um trabalho de articulação, principalmente através da Associação e apoio técnico local para integrar estas atividades. Este movimento traria as famílias que não estão diretamente envolvidas com o turismo para dentro da atividade, fortalecendo a agricultura. Ao mesmo tempo conferiria, aos produtos vendidos, uma maior autenticidade de produtos caseiros, feitos no local e não com insumos industrializados como é hoje, sendo caseiros apenas por não serem fabricados em escala industrial.

Existe a necessidade de se planejar momentos comunitários para que o turismo não traga a fragmentação da convivência e amizade que caracteriza o meio rural. Neste sentido as políticas públicas de incentivo a atividade de turismo rural devem incorporar tais preocupações, necessitando fortalecer, por exemplo, a Associação de Moradores como um agente de integração. Os impactos causados pelo turismo são equivalentes aos que ocorrem na mudança do fim de um ciclo produtivo e o surgimento de outro, sempre tendo claro que nunca uma atividade é totalmente abandonada, passando a fazer parte da bagagem cultural do núcleo familiar que está em constante processo de mudança e adaptação.

Em relação a estes aspectos, o que precisa ser observado é o tipo de turismo<sup>4</sup> que está sendo praticado na localidade. Em 1998, a Prefeitura Municipal de Joinville encomendou um plano para desenvolver o turismo no município, que passa a ser denominado de “Plano de turismo no espaço rural de Joinville – SC”. Dentre outras constatações, o trabalho conclui que "o turismo no espaço rural de Joinville pode ter um importante papel no desenvolvimento do município e região".

Informações obtidas deste plano de turismo revelam que a localidade caracterizava-se, no começo do século, pelo cultivo da cana-de-açúcar e na década de 50 em diante com o comércio de madeira que se expandiu em 1956, chegando na década de 70 no auge. A partir da década de 80 as empresas madeireiras enfrentaram dificuldades na obtenção de matéria-prima, em face da proibição da extração da madeira da Mata Atlântica. Isto certamente impulsionou muitos moradores a procurar atividades alternativas para garantir a sua sobrevivência na localidade, encontrando no turismo uma oportunidade.

Analisando os dados do plano de turismo da Prefeitura Municipal de Joinville (1998), que buscam traçar o perfil do turista que visita a região da Estrada Bonita, percebeu-se que a demanda turística real, constitui-se de 64% joinvillenses, seguido pelos curitibanos com 12,9%. Os visitantes de outras cidades de Santa Catarina representam uma minoria de 9,8% dos turistas. Ainda, segundo a mesma pesquisa, a faixa etária dos visitantes está em torno de 19 a 35 anos, sendo que a maioria são comerciantes e profissionais liberais. Entre as atividades preferidas são a cavalgada, as trilhas e compra de produtos artesanais.

Ainda de acordo com a mesma fonte, nem todos os agricultores da Estrada Bonita, aderiram ao turismo rural como se registrou anteriormente. Vários proprietários da Estrada Bonita aproveitam as áreas para o plantio de hortaliças, banana, cana-de-açúcar, produção de melado e manutenção de vacas leiteiras que contribuem para o sustento da família. Em meio a circulação de turistas, algumas atividades agrícolas se mantêm vivas através de algumas famílias que optaram por continuar com suas atividades tradicionais.

---

<sup>4</sup> Parece que hoje se aceita, grosso modo, duas vertentes sobre o turismo rural. Uma que pensa o turismo rural a partir dos atores locais, das respectivas condições ambientais e espaciais, tornando o projeto algo que seja capaz de ser apropriado pelas pessoas do local. A outra corrente apenas pensa no espaço, suas belezas naturais, e a partir desses pressupostos, organizar projetos de exploração econômica por alguns grupos, muitos ligados a hotelaria e que enxergam nos moradores locais apenas funcionários de um teatro importante para a função turística.



A estrada principal é asfaltada e a coleta de lixo é realizada três vezes por semana. A CELESC fornece energia elétrica para todas as residências da Estrada Bonita. A captação de água acontece de fontes (cachoeiras, nascentes e poços rasos). A localidade ainda não possui um projeto de tratamento de esgoto ajustado à realidade local. A telefonia fixa existente atende alguns moradores, inclusive com telefones públicos, porém não se estende a toda a comunidade.

Atualmente, na maioria das famílias as pessoas que se envolvem com as atividades inerentes ao meio rural parecem estar com uma idade avançada. Muitos filhos trabalham em outras atividades, inclusive fora da localidade e por isso apenas “comem e dormem em casa”, na expressão dos moradores, fazendo com que a rotina de trabalho de preparação da propriedade e a recepção dos turistas se tornem extenuante. O ritmo de atividades, principalmente nos finais de semana, passa a contrastar com os costumes locais. Em função da atividade turística, alguns moradores passam a ser menos atuantes e até se tornam ausentes das atividades religiosas e comunitárias. Isto, muitas vezes gera uma crise de identidade nas pessoas envolvidas, necessitando que as mesmas construam novos referenciais.

Este novo quadro tem interferido nos aspectos sócio-culturais e suprimido o repouso semanal de seus moradores. Estas premissas parecem ser decisivas na vida de um jovem quando precisa decidir sobre entrar ou não na atividade. Vários depoimentos demonstram que os mesmos vêem a atividade do turismo rural com reservas em função da “escravidão” que a atividade vem imprimindo sobre as famílias. O envolvimento vem requerendo que abram mão do fim de semana, encontros, de receber visitas, ficando praticamente só à disposição dos visitantes.

Diante da situação, algumas questões parecem que precisam ser discutidas, analisadas e encaminhadas pelos atores sociais. O primeiro está ligado ao reconhecimento de que em função da atividade turística, o local passou a ter características próprias que são distintas da comunidade, distrito e município. Somente equipara-se com as outras localidades que desenvolvem o turismo rural. Tal fato poderia levar as pessoas a se organizarem com a finalidade de terem um calendário próprio, onde, por exemplo, a segunda-feira seria o dia do descanso, de confraternização com familiares e amigos, de integração entre as famílias do local. Esta sistemática poderia ser, num segundo momento, acertado entre as demais localidades do município que se envolvem com o turismo rural que, junto com a PROMOTUR, que é a instituição oficial responsável pelo turismo de Joinville, promovesse a integração entre localidades.

Estas sugestões, sob hipótese nenhuma, resolvem os problemas de segmentação da comunidade entre aqueles que se envolvem com o turismo e aqueles que levam adiante sua vida de agricultores. Interessante perceber que muitos entraram lentamente na atividade, tentando preservar muitos de seus costumes e hoje a mesma os absorve além de suas potencialidades. Então, os exemplos apenas funcionam como paliativos para o clima de profundo desgaste físico e emocional, mas não sendo capaz de restabelecer as relações com toda sua história.

Diante da necessidade em afirmar a identidade de uma população, ressalta-se a importância da Associação de Moradores da Estrada Bonita, pois ela reflete a diversidade de pessoas que se estabeleceram no local, impulsionadas pelos mais diversos motivos, muitos deles, completamente distintos da atividade agrícola. Esta entidade tem um papel fundamental na mediação de uma proposta de vida para os moradores da localidade. É necessário que se visualize um novo caráter para a mesma, que ultrapasse as características meramente reivindicativas, a fim de buscar uma inserção capaz de diminuir os estrangulamentos percebidos pela população local. Estas dificuldades serão facilmente superadas, caso haja seriedade e maturidade no processo. Iniciativas como organizar atividades religiosas, esportivas e recreativas nas segundas-feiras, com refeições coletivas, por exemplo, ocupando inclusive os belos espaços que normalmente são organizados somente para os turistas e não raras vezes pouco conhecidos pelos moradores, podem representar os primeiros passos desta caminhada. Assim, se espera melhorar as relações entre os moradores envolvidos com o turismo o que pode, ao mesmo tempo, representar uma menor relação com a comunidade. Acredita-se que apesar da complexidade, devam existir maneiras das pessoas se organizarem para que possam conciliar trabalho com espiritualidade, confraternização, descanso, lazer e outras atividades.

Percebe-se que o papel de mediação e de desenvolvimento sócio-cultural não vem sendo desempenhado pela Associação de forma eficaz. Aliás, muitas vezes a mesma revela que não está cumprindo o seu papel, gerando conflitos. Assim, algumas instituições chegam a conclusões simplórias, alegando que a localidade é desunida. Cabe então perguntar se ela está desunida em função de seus interesses, ou está desunida em função da “intromissões” externas? Esta situação requer que as entidades repensem sua função para que em conjunto com a localidade, revejam sua prática, antes de se fazer acusações. E mais, em certos momentos chegava a transparecer que algumas entidades estavam se valendo de certos moradores para defender interesses, mesmo que isto não fosse tão evidente e assim não representando os reais anseios da população local.

Notoriamente, através das entrevistas feitas com as instituições envolvidas com moradores da Estrada Bonita, percebe-se algo já referido por WOORTMANN (1987) que no Brasil “o campesinato<sup>5</sup> foi construído como uma economia”, sendo assimilado como tal por estas instituições interventoras, onde outras abordagens possíveis ao campesinato encontrado na Estrada Bonita ficam ocultas. Pelo fato de ser possível analisar o sistema Estrada Bonita a partir de sua lógica econômica, ou sob a lógica de produção no plano das estratégias econômicas, ou ainda entendê-lo como produzido-reproduzido pela lógica do capital ao qual se subordina, parece ainda insuficiente para compreendê-lo na sua totalidade. Aspectos culturais podem possibilitar um melhor

---

<sup>5</sup> Entende-se aqui que o campesinato requer a incorporação da noção de campesinidade que é a qualidade que emerge das relações humanas com diversos componentes do sistema e com componentes do meio rural. A sua compreensão pode possibilitar o entendimento do processo de construção e andamento deste sistema em uma "lógica de mercado", atualmente baseada em atividades voltadas para o turismo.

entendimento das condutas dos integrantes desta comunidade rural, ou dito de outra forma, desse sistema social.

Ao se avaliar a trajetória histórica deste sistema estudado, é possível perceber que este é construído a partir de uma íntima relação das características de relevo solo e clima do meio com a bagagem cultural que estas pessoas trouxeram de seu país de origem. E mais, as condutas destes indivíduos defrontaram-se com a cultura dos primeiros habitantes deste novo mundo, que foram os índios e que sofreram interações destrutivas por parte dos colonizadores europeus. Mesmo assim deixaram marcas culturais que podem ser percebidas no modo de cultivar, caçar, processar os alimentos, e nas mudanças dos padrões alimentares dos imigrantes. Mas estes reagem, ainda assim, segundo seus saberes (de acordo com sua estrutura cultural), de forma a sobreviver da melhor maneira possível, e principalmente, procurando manter viva as suas origens, muitas ainda vinculadas ao continente europeu.

Assim, para se explicar os fenômenos que ocorrem nesse sistema social ou simplesmente caracterizá-lo, faz-se necessário voltar a atenção nas diversas relações existentes entre os camponeses e outros componentes do sistema, e estes com o meio, ou seja, perceber que as relações de troca que se dão não são essencialmente de ordem econômica, mas possivelmente, o que ocorra seja um emaranhado de relações. E o que rege estas relações ou condutas dos componentes humanos desse sistema, é um conjunto de símbolos com significados inerentes a uma determinada cultura, com origem essencialmente germânica, atualmente denominada Estrada Bonita. Como refere ORNELLAS (2000):

A conduta humana tem procurado, através de símbolos, dar sentido à vida e, a cultura fornece ao ser humano a chave, pela qual ele percebe o mundo e interpreta as coisas, estabelecendo valores (válidos para cada sociedade ou grupo) éticos, religiosos, econômicos, lógicos ou teóricos, estéticos, etc., que em última análise, determinam seus atos e regem sua vida.

Nesta perspectiva, não se pode entender a terra sobre a qual estas pessoas vivem apenas como objeto de trabalho, mas deve ser entendida como uma expressão de uma moralidade. Vê-la então como patrimônio da família, sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico é imprescindível, ou seja, sobre a terra se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor (WOORTMANN, 1987). De maneira que, antes de discutir a produção de bens materiais pela família, bem como o tipo de turismo a ser inserido nesta comunidade, deve-se compreender a produção cultural da família enquanto valor.

O tipo de turismo que é proposto pelas instituições envolvidas pode assim, representar uma interação destrutiva, na medida que demonstra uma negação de outros aspectos que não de ordem econômica na construção deste. Assim, despreza-se esta qualidade, “a campesinidade” que emerge neste sistema com um grau e natureza particular, e que representa a bagagem cultural destas pessoas na interação com o meio. Compreender a cultura que abarca e rege as condutas dos

componentes humanos deste sistema, possibilita a construção de um turismo congruente ao modo de vida destas pessoas.

Durante o trabalho não se identificou nenhuma discussão sobre o tipo de turismo a ser trabalhado e onde as idéias partissem do sistema, das pessoas, da Associação de Moradores, mas muito provavelmente tenha existido a venda de um "pacote turístico" a partir de instituições externas "de cima para baixo". Na medida que esta comunidade adere a este pacote, nega em muitos aspectos a conservação de suas origens. Assim, os aspectos culturais ou tradicionais, marcados no modo de cultivar, processar e preparar os alimentos, por exemplo, e que tem seu valor turístico como tantos outros, podem estar desaparecendo.

Alguns dos aspectos negativos observados neste tipo de turismo que vem sendo desenvolvido neste sistema social podem estar relacionados ao fato da carga e natureza do trabalho estarem se modificando, o que pode estar também influenciando na obtenção da matéria-prima de muitos produtos manufaturados no local, quais estão sendo adquiridos fora do sistema. Pode-se entender isso como a injeção de insumos externos que, até onde foi possível verificar este fato em sistemas agrícolas, demonstra a condução para uma insustentabilidade (PINHEIRO, 2000).

Contudo, pode-se avaliar o turismo como uma possibilidade de descaracterização do sistema, como também um mecanismo de adaptação, de busca de uma modernidade, de manutenção do tradicional, de forma que a adesão pode representar uma maneira dos camponeses ou moradores da Estrada Bonita manter seus descendentes na terra e assim permanecer a própria comunidade. WOORTMANN (1987), entende que é possível perceber que "o movimento em direção a modernidade (individualismo, secularidade e racionalidade) leva também à reconstrução da ordem tradicional", na medida que "a trajetória camponesa não é linear". Assim, a percepção da não linearidade do processo, aliado a compreensão de que qualquer processo vive a dicotomia entre o que é oferecido, normalmente pelo mercado e valores que movem seus indivíduos, faz com que entendamos melhor a Estrada Bonita, especialmente seus moradores.

Por último, entende-se que se esteja contribuindo para o constante desafio de integrar Universidade e Sociedade. Existe a preocupação com o freqüente distanciamento da universidade em relação a realidade. Assim, quanto mais o meio acadêmico se procura isolar, mais corre o risco de perder o contato com o concreto. Tem-se a esperança que esta possa ser mais uma semente no sentido de aproximar a universidade com o dia-a-dia das pessoas que vivem e trabalham na terra. Assim, espera-se tão somente que este trabalho acadêmico possa contribuir para o aperfeiçoamento das relações entre todos os atores sociais locais que reconhecem a complexidade do sistema Estrada Bonita.

### **Considerações finais**

A localidade da Estrada Bonita vive atualmente uma transformação do seu cotidiano. Um fator relevante, observado neste estudo, é a natureza da intervenção de instituições e agentes

externos, com interesses muitas vezes, divergentes aos da comunidade em termos do seu desenvolvimento, na medida que propõem o projeto turístico para o local. Tal medida pode apresentar sérios problemas de sustentação do sistema, pelo fato dos moradores terem estado à margem das decisões, deixando de incorporar, as características intrínsecas ao espaço.

As intervenções de instituições públicas, organizações não-governamentais e outras, precisam ser repensadas para que as comunidades não sofram uma desestruturação de sua organização. Um pressuposto está em estudar as comunidades a partir de seus componentes e principalmente da natureza de suas relações, de forma a buscar na interdisciplinariedade de conhecimentos, aspectos para além do econômico e que contemplem também os sociais, culturais e ambientais, na medida que se deseje propor projetos de desenvolvimento local. Assim torna-se imprescindível repensar a maneira dos agentes externos interagir com comunidade. Certamente, deveriam ter como princípio a valorização do conhecimento local e dar importância à participação dos representantes da localidade na construção de um projeto comum.

Assim, a autonomia desta comunidade em decidir seu destino e de manter viva a sua cultura, requer uma organização social própria, onde aparentemente, a Associação de Moradores tem um papel preponderante. Compreender que as pessoas se unem para definir objetivos, defender causas, criar projetos, desenvolver ações sociais e comunitárias, revela a necessidade das mesmas viver em grupo, formado geralmente a partir de uma identidade sócio-cultural. Assim, entende-se que é prudente que em qualquer início de atividades se tenham objetivos claros, principalmente aqueles que comuns a todos os integrantes da comunidade e que possibilitem estabelecer boas e duradouras relações entre os atores internos e externos.

Portanto, a Estrada Bonita como sistema determinado estruturalmente, só terá mudanças genuínas em sua estrutura a partir de suas próprias determinações e convicções, fato que se procurou explorar neste trabalho. Um maior alcance de suas implicações estaria na dependência de aprofundar as condições de intersubjetividade necessária a uma articulação horizontal com os diferentes pontos de vista e interesses envolvidos.

Este esforço teórico e prático de uma abordagem de campo baseada no enfoque sistêmico, reforçou ainda mais o pressuposto inerente à compreensão sistêmica de que, uma intervenção pontual, restrita a etapa de diagnóstico local, por mais conscienciosa que seja, não configura um conjunto de perturbações que efetivamente possam significar mudanças estruturais expressivas ao desenvolvimento de uma comunidade, dada a sua complexidade. Todavia, as sensações de limitação frente ao realizado são superadas pelo valor que emergiu de um trabalho desta natureza: a possibilidade de repensar conceitos e posturas em pesquisa e extensão rural.

A autocrítica e a reavaliação da função de cada ator social pertencente ou que interage com o local, certamente levará uma forma distinta de atuar e de desenvolver a Estrada Bonita. Este sistema complexo, formado por um conjunto de sistemas e que procuramos caracterizar é o sistema

Estrada Bonita entendido como um sistema sócio-cultural rural. Permite perceber que o sistema econômico não é absoluto, mas que as pessoas também se vinculam a um sistema social que parece estar fragilizado. A um sistema cultural que ainda está presente e que certamente necessita ser melhor trabalhado. Espera-se assim que não se perca valores que caracterizam uma das oportunidades para o turismo rural, vinculados a visão de mundo dos agricultores da localidade. Tem-se ainda o sistema ambiental que foi fortemente agredido ao longo dos anos, mas que hoje com algumas práticas de conservação é capaz de atrair os turistas. Por fim um sistema de infraestrutura mínima que permita que as próprias pessoas do local e os turistas tenham condições de morar ou freqüentar o local sem percalços.

## Referências bibliográficas

- AMARAL, V.S. & AGUIAR, J.S. de. **Relatório de Estágio Curricular**. Escola Agrotécnica de Sombrio/SC (EAFS): 2000, 66 p.
- BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis :Vozes, 1975. 351 p.
- CAPRA, Frittof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARNEIRO, M. J. Pluriatividade: uma resposta à crise da agricultura familiar? In: CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. pp. 148-170
- FUNDAÇÃO MUNICIPAL 15 DE JULHO. <http://www.pmjsama.sc.gov.br/funds.htm>. Acesso em 24-04-2003.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 1997.
- MATURANA, Humberto R. **A ontologia da realidade**. Mogno, C. ; Graciano, M. & Varg, N. (org.). Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.350p.
- MATURANA, Humberto R. **Da biologia à psicologia**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1998.198p.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ORNELLAS, L. H. **A alimentação através dos tempos**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2000.
- PINHEIRO, Sérgio. L. G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável: uma oportunidade de mudança da abordagem *hard-systems* para experiências com *soft-systems*. In: X CONGRESSO MUNDIAL DE SOCIOLOGIA POLÍTICA RURAL E XXXVIII CONGRESSO DA SOBER. Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: SOBER, 2000. CD-ROM.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. **Plano de turismo no espaço rural de Joinville SC**: 1998, 173 p.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. Pensando o pensamento sistêmico como o novo paradigma da ciência: o cientista novo-paradigmático. In: **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papyrus, 2002. pp. 147-184.
- WOORTMANN, K. “Com parente não se negoceia”. **Anuário Antropológico/ 87**. Brasília: Tempo Brasileiro/UNB, 1990. pp. 11-73.